

## OS 150 ANOS DE TRÊS REPUBLICANOS

Mário BARATA

Este 1991 permitirá, no seu desenvolvimento, a comemoração dos sequeicentenários de três importantes republicanos históricos, dos quais dois chegaram à presidência da República em momentos iniciais e decisivos do regime e outro foi o primeiro vice-governador de seu Estado, no novo sistema político, e depois constituinte e senador da República por quinze anos. Essa quase “categoria” de republicanos históricos foi criada por uma realidade que destacou plêiade de homens de grande seriedade, que freqüentemente reuniam o tino administrativo à vontade, que os unificava, de mudar a face do País e conduzir este a um novo tipo de progresso, que a fase final da Monarquia - já em decomposição - não estava permitindo, apesar as qualidades pessoais do velho monarca, que foram tão úteis à nação no passado. Ele cercara-se de homens também probos e, em vários casos, com exemplar sendo se estadistas.

A estrutura da Monarquia “deixava quebrar-se distante das continuadas ondas dos desentendimentos sociais e políticos”, como escreveu Cândido Mota Filho. Este mesmo significativo intelectual e político de nossos dias, em seu ensaio sobre Prudente de Moraes publicado no livro coletivo *Homens de São Paulo* (São Paulo, Martins, 1954), fala inicialmente “dos elos humanos da formação republicana”, que nela constituíam uma ligação, na “raça de lutadores que emergira, inconfundível, das florestas incendiadas da Monarquia” (p. 267).

Os sesqueicentenários de 1991 a que aludi são, pela ordem de nascimento, o de Campos Sales, nascido aos 13 de fevereiro, em Campinas; o de Manuel de Melo Cardoso Barata, nascido em Belém do Pará em 4 de agosto; e do Prudente de Moraes, vindo à luz numa fazenda de Itu, aos 4 de outubro de 1841. Faleceram respectivamente em 1913, 1916 e 1903.

Os dois paulistas conheceram pessoalmente Manuel Barata, que era ligado a São Paulo e veio a ser sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico do grande Estado, cuja revista publicou um de seus trabalhos. Já em 1884 ou 1885, Prudente e Campos Sales haviam sido eleitos deputados-gerais pelos republicanos

de São Paulo. Vitoriosa a República, Prudente, pelos seus dotes para entendimentos políticos e pacificadores, com objetividade, firmeza e justiça, foi indicado para assumir o governo do Estado.

No período da propaganda republicana, Manuel Barata publicara, às suas expensas, 3.500 exemplares do discurso de Quintino Bocaiuva no Congresso do Partido Republicano que elegera esse prócer seu presidente, e distribuiu bastante o folheto em São Paulo. A “plaquette” continha, inclusive, palavras de Campos Sales. Na Constituinte e na primeira Senatária, o paraense esteve muito perto de Prudente e aliás figura entre os políticos indicados ao pintor Eliseu Visconti para que os representasse no famoso quadro sobre os constituintes de 1891, com mesa presidida pelo grande paulista. Os dois políticos - bem como o governador paraense Lauro Sodré - foram contra o golpe de novembro de 1891, com que Deodoro dissolvera o Congresso e implantara estado de sítio. Vinte dias depois, o generalíssimo fracassa e renuncia para evitar maiores conflitos entre os brasileiros. Assume legalmente Floriano Peixoto, que viria a ser o “Consolidador da República”, e no quadriênio seguinte temos Prudente como presidente, sendo considerado um pacificador.

Quase no final do seu governo, uma cisão do Partido Republicano Federal opõe Francisco Glicério a Prudente, quando da eleição em 1897 de Artur Rios para a presidência da Câmara de Deputados. Apoiado por Prudente, este recebe oitenta e oito votos, contra setenta e seis dados a Glicério. A dissidência progressivamente se agravou. Manuel Barata por solidariedade acompanhou seus amigos estaduais nas grandes divisões republicanas da época.

Campos Sales, formado pela Faculdade de Direito de São Paulo e, em 1862, jornalista responsável pelo jornal “A Razão”, quando ainda era estudante, tendo boa cultura, escreveu *Cartas da Europa*, após sua primeira viagem ao Velho Mundo em 1894, e a obra *Da Propaganda à Presidência*, publicada em São Paulo em 1908. Relembre-se que o Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo editou em 1954 o livro *São Paulo em quatro séculos*, que inclui dados biográficos dos primeiros presidentes civis do País, e, ademais, bom capítulo sobre “paulistas no IHGB”, este de autoria de Virgílio Corrêa Filho, então 1º secretário da conhecida instituição do Rio de Janeiro, de caráter nacional. Ambos os Institutos Históricos seguramente festejarão os significativos sesquicentenários dos grandes políticos brasileiros, sendo que Manuel Barata destacou-se também como historiador do antigo Grão-Pará e da Amazônia em geral.